

# A significação do ensino médio para os jovens alunos

Neli Angélica Frozza Ariotti\*

Ortenila Sopelsa\*\*

## Resumo

No presente artigo aborda-se o significado que os jovens alunos da terceira série de um colégio público do Paraná atribuem ao ensino médio. A investigação caracterizou-se como uma pesquisa de campo exploratória e bibliográfica. Para a coleta de dados foram utilizados como instrumentos o questionário e a entrevista. Os dados foram coletados entre os alunos, num total de 86 alunos, do Colégio Estadual La Salle, de Pato Branco, em agosto de 2007. Os resultados da pesquisa demonstram semelhanças com os estudos realizados no país nesse nível de ensino, ou seja, os jovens envolvidos neste estudo vêm essa modalidade de ensino com muita expectativa e preocupação, pois entendem que a partir do ensino médio podem mudar o seu futuro. Constataram-se ainda as fragilidades existentes no decorrer do curso e que acabam por justificar a falta de interesse e desencanto que muitos jovens têm em relação ao ensino médio. Conclui-se que é urgente a necessidade de criação de políticas públicas que venham, de fato, preencher as grandes lacunas deixadas ao longo dos anos no ensino médio brasileiro. Palavras-chave: Ensino médio. Jovens. Alunos. Significado.

## 1 INTRODUÇÃO

Neste artigo apresenta-se parte dos resultados de uma pesquisa de campo realizada em um colégio público no município de Pato Branco, estado do Paraná, no ano

---

\* Mestre em Educação pela Unoesc; professora da rede pública do estado do Paraná, Colégio La Salle, – disciplina Geografia; Rua Itapuã, 681, Centro; CEP 85505-180; Pato Branco, PR; naniafa@hotmail.com

\*\* Doutora em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba; Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; professora do Curso de Mestrado em Educação da Unoesc; ortenila.sopelsa@unoesc.edu.br

de 2007, com os jovens alunos da 3ª série do ensino médio. Os motivos que nos levaram à escolha desse público ocorreram em virtude de alguns fatores, quais sejam:

- a) esses alunos deixam a escola ao final do ano;
- b) apresentam maior preocupação em preparar-se para o vestibular;
- c) muitos já estão trabalhando ou estão em busca de sua inserção no mercado de trabalho;
- d) constituem a faixa etária que vai dos 16 aos 18 anos, aqui denominada de jovens que, muitas vezes, é considerada ou rotulada como problema.

O problema da pesquisa foi: Qual é o significado do ensino médio para os jovens que freqüentam a 3ª série do Colégio Estadual La Salle? O objetivo central do estudo foi caracterizar a clientela que freqüenta essa modalidade de ensino, bem como investigar e analisar o significado do ensino médio para os jovens alunos.

O presente estudo caracterizou-se como pesquisa de campo exploratória e bibliográfica. Na pesquisa de campo, a coleta de dados dividiu-se em dois momentos:

- a) foi aplicado um questionário (composto por 19 questões abertas) para todos os jovens que freqüentam a 3ª série do ensino médio (86 ao todo);
- b) foi realizada uma entrevista com perguntas abertas para 10% dos alunos, as quais possibilitaram liberdade de respostas dos entrevistados.

Quanto à pesquisa bibliográfica, embasamo-nos em autores, cujas obras discutem sobre a questão dos jovens e o ensino médio no Brasil, entre eles, Abramo (2005), Zibas (2005) Esteves (2005) Pochmann (2004), Kuenzer (2002) e outros.

## **2 CARACTERIZAÇÃO DOS ALUNOS QUE FREQUËNTAM A 3ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO - DADOS OBTIDOS A PARTIR DO QUESTIONÁRIO**

O questionário nos permitiu coletar dados de um número maior de sujeitos pesquisados, visando caracterizar a clientela dessa modalidade de ensino.

Os dados obtidos confirmam que a caracterização da clientela que frequenta essa modalidade de ensino é muito similar àquela do restante do país. A maior parte pertence ao sexo feminino<sup>1</sup>, 68,60%. Esse número revela que o ensino médio, destinado aos jovens de 15 a 19 anos, no país, também registra um número maior de estudantes do sexo feminino, 54,1% do total (INEP, 2007).

A idade desses jovens compreende uma faixa etária entre 16 e 17 anos, representando 89,53%. A própria extensão da faixa etária de 15 a 24 anos para designar a juventude<sup>2</sup>, no Brasil, tem passado por uma modificação e, de acordo com Pochmann (2004, p. 221), “[...] é fundamental identificar que houve um alargamento da faixa etária circunscrita à juventude para algo entre 16 e 34 anos de idade.”

A maioria dos jovens pesquisados reside na área urbana. Hoje os jovens ainda constituem uma parcela significativa da população brasileira: correspondem cerca de 20% dos brasileiros, somando um total de 34 milhões de pessoas que estão na faixa etária de 15 a 24 anos (IBGE, 2000). E, como diz Abramovay (2005, p. 33):

[...] a maioria destes jovens vive, atualmente nas áreas urbanas e, cada vez mais incorpora-se de forma intensa ao mercado de trabalho e de consumo. Essa incorporação se dá mais especialmente no setor terciário da economia, tem significado especial quando se considera a relação que se estabelece entre a necessidade de trabalhar e de ter acesso a melhores oportunidades e as expectativas relacionadas à educação, especificamente aquela de competência do Ensino Médio.

Quando indagados sobre o número de pessoas que formam sua família, os alunos afirmam que, na maioria, são compostas por quatro pessoas, o que corresponde a 47,67% dos jovens entrevistados. Essa composição de quatro pessoas nas famílias vem ao encontro da maioria da constituição familiar vigente no país, a partir das duas últimas décadas do século passado.

A redução do tamanho das famílias, fenômeno que se deve fundamentalmente a queda da fecundidade constitui um outro aspecto, entre os mais marcantes, de mudanças nos padrões de organização das famílias brasileiras. (KALOUSTIAN, 1994, p. 143).

A evolução das taxas de fecundidade no Brasil caiu muito conforme apontado pelos números: no século XIX, o número de filhos por mulher era de sete ou mais por casal; na década de 1960, 6,2 filhos; em 1980, 4,01 filhos; 1991, temos um número de 2,9 filhos por casal; no ano de 1996, a taxa se apresenta em 2,32 filhos por casal (IBGE, 1996).

A maior parte desses jovens mora com sua família. Ressaltamos aqui que, quando falamos do termo família, referimo-nos às várias constituições familiares na atualidade e não somente àquela tradicional, patriarcal, que era formada pelo pai, mãe e irmãos, mas também àquela formada e chefiada pela mãe, ou então, àquela em que residem o pai, sua companheira e o filho, ou vice-versa.

É interessante aqui salientar que a importância da instituição família no país é um tema bastante recorrente. Nesse sentido, Kaloustian (1994, p. 11) afirma que:

A família brasileira, em meio a discussões sobre a sua desagregação ou enfraquecimento, está presente e permanece enquanto espaço privilegiado de socialização, de prática de tolerância e divisão de responsabilidades, de busca coletiva de estratégias de sobrevivência e lugar inicial para o exercício da cidadania sob o parâmetro da igualdade, do respeito e dos direitos humanos.

Quando indagados sobre sua situação em relação a desempenhar algum tipo de trabalho, os dados revelam que: 56,98% dos jovens não trabalham; 39,53% realizam algum tipo de trabalho e 3,49% não emitiram respostas. Esses números revelam que muitos dos jovens estão se ocupando com algum ofício no tempo em que não estão na escola. Essa situação suscita questionamentos, pois isso pode estar ocorrendo por vários motivos, entre os quais destacamos: a necessidade de ajudar na complementação da renda familiar; ocupar uma parte do tempo; pensar em desempenhar um trabalho para poder discernir melhor sobre o futuro profissional, bem como ajudar na escolha de um curso de graduação que venha corresponder com seus anseios.

Muitos desses jovens trabalhadores conseguiram essa inserção por intermédio da parceria escola/empresa Centro de Integração Empresa-Escola (Ciee) do Paraná.<sup>3</sup> Os alunos realizam, mediante esse centro, estágio para empresas tanto pú-

blicas quanto privadas, com carga horária de quatro horas diárias e recebem meio salário mínimo por esse trabalho. O contrato de trabalho se estende até à conclusão da terceira série do Ensino Médio. Essa parceria a nosso ver procura responder ao que a LDB 9394 (1996) estabelece sobre a educação e o mundo do trabalho: “A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social.”

Sabemos que existem alguns programas públicos que estão sendo desenvolvidos pelo Governo Federal e por ONGs para atender aos jovens, nessa faixa etária, em todo o país, porém o que constatamos é que em nosso município esses programas não estão em evidência; os que se destacam absorvem um número pequeno de jovens e quase não funcionam. Por exemplo: Programa Federal Segundo Tempo: Nesse, os alunos desenvolvem atividades recreativas e têm acesso à prática do esporte no período em que não estão na escola, incluindo mais complemento alimentar, reforço escolar e material esportivo. É voltado a jovens entre 7 e 14 anos, matriculados na rede pública de ensino e de baixa renda. Até o mês de março de 2008 o Programa ainda não teve início no município de Pato Branco.

Os trabalhos desenvolvidos pelos jovens são os mais variados possíveis: produtor de alto-falantes, repositor de mercadorias, atendente de xérox, *office boy*, auxiliar de tênis, auxiliar de contabilidade, estagiário do INSS, pacoteiro, professor de música, auxiliar de pedreiro, entre outros. Esses empregos, ou melhor, subempregos, com certeza são de caráter esporádico, temporário ou informal e podem não representar a constituição de uma carreira definida. Esse contexto é visto por Frigotto (2004, p. 182) como “[...] a inserção dos jovens no mercado formal ou informal de trabalho, é precária em termos de condições e níveis de remuneração.”

A renda que os jovens recebem pelo trabalho que desenvolvem se apresenta bastante variada, e não foge à da realidade brasileira. Os valores que os jovens recebem são ínfimos; o rendimento vai de R\$ 100,00 a R\$ 300,00 mensais.

Tais dados não diferem aos de uma pesquisa dirigida a jovens de todo o país pela Fundação Perseu Abramo (2005, p. 52), quando revela que:

[...] as condições de trabalho são, no conjunto, bastante desfavoráveis para os jovens de todo o país, além de apontar que 63% destes trabalham na informalidade e 30% ganham um salário mínimo ou menos por mês, e somente 11% tem remuneração acima de dois salários mínimos.

Os jovens pesquisados dizem ser leitores. 54,65% lêem livros; 30,23% apreciam a leitura de revistas e 17,44% gostam de ler jornais. Independentemente do que lê, o fato é que a leitura está presente em suas vidas. Isso foge à realidade brasileira<sup>4</sup>, pois como lembra Abramo (2005a), temos no Brasil a maior parte da população com pouco ou nenhum hábito de leitura relacionada a obras literárias; o que se associa à precariedade de políticas públicas de incentivo à leitura em nosso país.

Os jovens gostam de freqüentar lugares diversos. A investigação sobre os locais que os jovens costumam freqüentar é de significativa importância para podermos compreender os sentidos atribuídos pela juventude ao tempo livre, na sociedade atual. Abramo (2005a, p. 175) defende que a “[...] dinâmica sociocultural da vida juvenil expressa, em grande medida, a realidade efetiva dos aspectos que organizam a vida dos jovens nas culturas vividas no lazer e no tempo livre.”

As boates representam 50% da preferência dos locais mais freqüentados, seguidas pela casa de amigos com 44,19%; 27,91% vão a bares. Como os sujeitos da pesquisa são jovens urbanos, é compreensível a preferência por esses locais.

Ao somarmos as porcentagens referidas à boate e a bares, causou-nos preocupação, pois obtivemos um total de 77,91% de jovens freqüentadores desses locais. Dizemos que nos causa preocupação, pois sabemos que nesses locais as vendas de drogas lícitas são comuns.

A ida para a casa dos amigos também revela uma porcentagem expressiva, 44,19%. A ocupação do tempo livre pelos jovens estabelece a satisfação de necessidades materiais e a existência de tempo liberado das obrigações cotidianas, seja da família, seja da escola. É justamente nesse tempo livre que os jovens constroem suas próprias normas, expressões, posturas que os diferenciam do mundo adulto, e os aproxima tanto de seus pares, nem que seja por um tempo mínimo. Nesse contexto, Abramo (2005a, p. 177) ressalta que “[...] a convivência nos grupos com amigos, permite a criação de relações de confiança, e essas relações servirão de espelho para a construção de identidades homogêneas e individuais.”

Por intermédio dos dados percebemos que atividades culturais não são citadas pelos jovens. Salientamos que tais atividades não são muito presentes na

comunidade de Pato Branco, pelo fato de ser uma cidade interiorana e não ter uma infra-estrutura adequada para essas manifestações culturais.

Em recente pesquisa nacional para identificar a infra-estrutura cultural dos 5.560 municípios brasileiros, a pesquisa do IBGE (2001) investigou 17 tipos de equipamentos, apontando sua presença nos municípios e, em alguns casos, indicando sua quantidade. Os dados são, no mínimo, espantosos e revelam as desigualdades sociais na distribuição dos equipamentos culturais. Bibliotecas, 79% dos municípios; locadoras, 64% dos municípios; cinema, 8% dos municípios; teatro, 19% dos municípios; museus, 17% dos municípios. A principal emissora de televisão privada brasileira alcança 98% dos municípios; a segunda, 88% e a terceira, 75%. A televisão a cabo é privilégio de 7% dos municípios. Os dados revelam que, segundo o tamanho do município, menor a existência de equipamentos culturais (BRENNER; DAYRELL; CARRANO, 2005, p. 177).

Em relação às melhores coisas do fato de ser jovem, as principais situações apontadas foram: ter poucas obrigações aparece com 48,84%; poder ter liberdade soma 24,42% e a disposição para fazer festa é citada por 18,60%.

Fica visível que o divertimento, as poucas obrigações e o lazer, de uma forma geral, sobrepõem-se à preocupação de se conquistar independência financeira. Esses dados refletem que a pouca idade destes e a falta de perspectiva para o futuro (POCHMANN, 2004) demonstram que a maturidade não se faz presente totalmente, uma vez que esses jovens estão vivendo uma época em que as incertezas, as indagações estão muito presentes na sociedade hoje.

Já entre as piores coisas de ser jovem, as situações mais citadas são: a pressão para pensar e decidir o futuro 26,74%; o fato de ser menor de idade é mencionado por 19,77%. Com 9,30% aparece a insegurança dos pais em relação aos seus filhos.

A questão de pensar nesse momento da vida para decidir por uma carreira realmente demonstra o quanto os jovens estão inseguros e indecisos nessa questão. Isso ocorre em virtude do fato que esses vivem uma época diferente, numa sociedade paradoxal, na qual, muitas vezes, nem um diploma escolar garante um emprego e uma carreira promissora. “A proximidade com a vida adulta, o início das responsabilidades, é um dos fantasmas que espreita e assombra os jovens de forma constante.” (SPÓSITO, 2001, p. 79).

Em se tratando sobre a importância da escola para os jovens, as respostas foram bem variadas. Somando 38,37%, os jovens dizem que a escola proporciona novos conhecimentos e a vêem como local de aprendizagem. A preparação para a vida<sup>5</sup> aparece em segundo lugar, com 29,07%; o local de fazer e fortalecer relações de amizade entra em terceiro lugar, com 16,28%. A polissemia traduzida na importância da escola para esses jovens é bem visível, uma vez que 67,44% acreditam que ela é um local onde a soma de inúmeras aquisições refletirá num futuro promissor.

Sobre esse local de suma importância para os jovens, Frigotto (2004, p. 195) salienta que a escola representa “[...] um espaço onde as crianças e jovens vivem um longo tempo incorporando valores, conhecimentos e amadurecendo para a vida futura.”

Fica implícita e explícita a idéia de uma grande responsabilidade para a instituição e para os docentes no sentido de fazer acontecer esse desejo. Nas palavras de Kuenzer (2002, p. 81), essa responsabilidade está bem visível:

[...] o papel da escola e do professor, como responsáveis pela organização e situações que permitam ao aluno estabelecer uma relação proveitosa e prazerosa com o conhecimento, passa a ser vital, tanto na perspectiva do desenvolvimento individual quanto social.

Buscando conhecer sobre o que foi mais importante aprender na escola para a vida, as respostas foram: o convívio é apontado por 34,88% dos jovens e com 12,79% as relações afetivas. Se atentarmos para a soma desses itens, veremos que 47,67% demonstram encontrar na escola um lugar aprazível de convivência, amizade e de relações afetivas. “A amizade é uma coisa que o indivíduo conquista, não é algo que se recebe pronto.” (MATOS, 2003, p. 51).

Pelos dados, percebe-se que para esses jovens a importância maior da escola está presente nas relações afetivas, de amizade que acontecem nela. Essas múltiplas amizades refletem que esse espaço pode não ter tanto significado cultural, mas do ponto de vista da amizade, ela é um espaço fundamental. A busca de novos conhecimentos soma 6,98%. Consideramos baixo esse valor, uma vez que nas entrevistas o conhecimento é motivo de preocupação para sua inserção no mercado de trabalho e para a entrada na graduação. Mais uma



vez fica visível de que há certo conflito ou então uma dubiedade em relação à escola em suas vidas.

As sugestões para melhoria do ensino médio no Colégio Estadual La Salle na concepção dos alunos são: 18,8% dizem que é necessário professores mais qualificados; 11,8% pedem o funcionamento dos laboratórios; 9,3% pedem a colaboração de alunos inquietos; 8,2%, a realização de aulas práticas; salas mais amplas são sugeridas por 5,9%; 4,8% afirmam que a didática deve ser mais presente.

Uma grande porcentagem, 23,60%, refere-se aos problemas no quadro docente, tais como: qualificação profissional e uma didática melhor. Isso é muito preocupante, pois sabemos que muitos dos profissionais que procuram por licenciaturas concluem seus cursos de forma superficial, ou seja, freqüentando aulas noturnas, nos finais de semana, com pouco aprofundamento teórico e crítico. Sabemos também que muitos profissionais procuram cursar licenciaturas a distância, por inúmeros fatores.

Na maioria das vezes, tal formação é aligeirada e insuficiente. O aligeiramento dos cursos de licenciatura oferecidos por várias instituições, e com aval do MEC, demonstra o descaso em relação à educação no país.

Isso ocorre em razão da pressão estabelecida no artigo 87, parágrafo 4º da LDB nº 9.394/96, ao estabelecer que “Até o fim da Década da Educação somente serão admitidos professores ‘habilitados em nível superior ou formados por treinamento em serviço’, os professores têm sido levados a freqüentar cursos de qualidade duvidosa em grande parte pagos por eles.” (FREITAS, 2002). Em vários estados da federação esses cursos são, em geral, uma demanda das prefeituras que os terceirizam ou contratam as IES – públicas ou privadas –, as quais realizam processo seletivo especial de modo que possam atender a essa demanda específica.

O ‘aligeiramento’ da formação inicial dos professores em exercício começa a ser operacionalizada, na medida em que tal formação passa a ser autorizada fora dos cursos de licenciatura plena como até então ocorria e como estabelece o art. 62 da LDB. (FREITAS, 2002, p. 149).

Referindo-se à rapidez com que muitas licenciaturas acontecem e que vão descaracterizando a identidade do professor, Kuenzer (1997, p. 98)

[...] chama a atenção para o fato de que, na prática, as políticas e formação inviabilizam a construção da identidade do professor como cientista da educação para constituí-lo como tarefeiro, dado o aligeiramento e a desqualificação de sua formação.

Já o pedido de que os laboratórios funcionem e as aulas práticas aconteçam soma 20,00%, um número bem expressivo. “Existe o equipamento básico - os computadores -, mas sem os recursos que permitam otimizar o seu uso.” (KRA-WCZYK, 2003, p. 124). Isso se torna preocupante, pois a falha governamental é grande e incoerente. Existem no colégio laboratórios de informática, de ciências, contudo faltam material e pessoas habilitadas (laboratoristas) para auxiliar o professor e os alunos. Entendemos que é incompreensível o fato de um professor levar uma turma de 40 alunos para um laboratório sem haver um auxiliar. A falta de laboratórios de ciências e de acesso à internet, de bibliotecas, quadras e laboratório de informática faz parte do cotidiano de boa parte dos alunos que estudam no ensino médio brasileiro (ABRAMOVAY; CASTRO, 2005).

Apresentam inquietude na sala não colaborando com os professores 9,3% de alunos. Acreditamos que diante de tantas modificações pelas quais têm passado a sociedade e o próprio homem, muitas instituições escolares não sofreram modificações e, conseqüentemente, muitos profissionais não puderam ou não quiseram se atualizar; isso tem gerado relações desafetuosas entre as gerações. Essa inquietação não estaria sendo ocasionada pela falta de sentido dos conteúdos em relação à sua utilização? Estariam esses alunos descrentes e desconfiados com o futuro profissional?

Lembrando Charlot (2000, p. 21), “[...] o sentido atribuído a um saber leva a envolver-se em certas atividades, a atividade posta em prática para se apropriar de um saber contribui para produzir o sentido desse saber.” Também nessa questão de inquietude dos jovens alunos diante da escola e dos professores, Arroyo (2004, p. 56-57) salienta que “[...] os alunos com certeza não são outros por apresentarem condutas diversas, mas por serem outros como sujeitos sociais, culturais e humanos. A infância, a adolescência e a juventude que são forçados a viver são outras.”

Diante dessas constatações, urge a necessidade de que haja uma formação continuada para os professores, financiada pelo Estado, pois como é do nosso

conhecimento muitos docentes não têm condições financeiras para essa formação. Sabemos também que não é em um final de semana, ou em um cursinho de 20 ou 40 horas que essa formação acontecerá. Referimos-nos aqui a busca de programas de mestrado e doutorado, uma vez que, na atualidade, o professor tem um amadurecimento maior e tem ciência sobre a importância de sua qualificação para poder lidar com as novas inquietações/solicitações do magistério e de sua clientela.

Ao questionar o que o aluno percebe na relação professor/aluno, as respostas dadas demonstram que: a amizade é enfatizada por 33,72% dos alunos; 18,60% representam a falta de respeito aos professores e 8,14% afirmam que a relação não acontece em razão do tratamento diferenciado que é dado aos alunos.

Se somarmos os itens negativos referindo-se a essa relação, teremos 26,74% insatisfeitos; um número bastante expressivo. Gostaríamos de chamar a atenção para o fato de que tanto professor quanto o aluno parecem estar muito desgastados, seja pelo tempo, pelas inquietudes, seja pelas contradições e ambigüidades presentes na sociedade atual e na própria escola. Como diz Matos (2003, p. 91), “[...] há dois mundos na sala de aula, a do professor (a) e o dos alunos. [...] os dois mundos às vezes se tocam, se cruzam, mas na maioria das vezes permanecem separados.” Então, como fazer para que haja uma aproximação de fato entre esses sujeitos tão importantes na instituição escolar?

É preciso resgatar o significado de ser professor, a sua valorização perante a sociedade e o reconhecimento por parte dos governantes. Esse reconhecimento poderá fazer com que o professor possa estabelecer relações mais afetuosas com os alunos e minimizar ou até eliminar o tratamento diferenciado apontado por eles.

### **3 O SIGNIFICADO ATRIBUÍDO AO ENSINO MÉDIO PELOS JOVENS ALUNOS DA 3ª SÉRIE DO COLÉGIO ESTADUAL LA SALLE – DADOS COLETADOS A PARTIR DA ENTREVISTA**

Com o objetivo de obtermos dados mais subjetivos, realizamos entrevista com 10% da população envolvida no questionário.

A entrevista para a nossa pesquisa teve um caráter relevante, uma vez que os dados subjetivos demonstraram que esse encontro propiciou a valorização do jovem num momento de afetividade, de intimidade e, por que não dizer, de confiança. Para a análise das entrevistas, procuramos agrupar as respostas semelhantes e, em razão disso, as respostas não aparecem ordenadas na forma numérica correspondente.

Enfatizamos, também, que a análise da pesquisa ocorreu a partir do questionário, da entrevista e do referencial teórico.

Em relação à primeira pergunta: “O que significa o Ensino Médio para você?”, as respostas foram as seguintes:

“É um caminho onde eu busco aperfeiçoamento em conhecimentos científicos, filosóficos, educacionais, enfim tudo que serve para viver nesse mundo bidimensional em que vivemos.” (Aluno 1).

“É uma preparação para a faculdade, para um ensino superior. E com isso buscar uma preparação profissional.” (Aluno 4).

Então, é a fase que nós estamos nos preparando para fazer o curso superior e entrar no mercado de trabalho, é a época que nós temos de enfrentar muitas decisões e no terceiro ano é revisão de tudo o que a gente já aprendeu. Seria uma continuidade de todo o ensino fundamental e assimilado nestes três anos. É a parte onde a gente tem que ralar, ir para a frente para buscar o que a gente quer. (Aluno 8).

“É de extrema importância, no trabalho, mais tarde vai ser exigido. Vou precisar dele para entrar numa faculdade para melhorar de vida.” (Aluno10).

Pelas respostas, notamos que o ensino médio, na vida desses alunos, significa um caminho, uma base para seguir adiante nos estudos, entrar na faculdade e inserir-se no mercado de trabalho. Então, notamos que eles têm consciência sobre a importância desse nível de ensino. Essas afirmações apresentam semelhanças com as respostas dadas no questionário sobre a importância da escola para eles, no qual 67,44% dizem que a escola tem um significado importante, pois ajuda a encaminhá-los para o mercado de trabalho e para a entrada no ensino superior.

Quanto à segunda pergunta “O Ensino Médio corresponde às suas expectativas?”, os alunos assim se pronunciaram:

“Com certeza, pois a cada dia que passa aprendemos coisas novas, aprimoramos nosso conhecimento, e com isso que eu pretendo fazer uma faculdade e quero fazer minha carreira, fazer acontecer e é o ensino médio que nos prepara para isso.” (Aluno 1).

Corresponde, eu aprendi muita coisa nesses três anos, porém, o material utilizado poderia ter sido melhor. Foi bom, mas poderia ter sido um pouco melhor. Se eu for fazer um vestibular numa faculdade pública vai ser difícil passar, porque a concorrência tá grande e as pessoas estão muito preparadas. (Aluno 7).

São diversos pontos diferentes: existem professores e professores. Alguns que têm uma capacidade acima do normal, que a gente entende em poucas palavras; mas tem professores que talvez o método de ensino dele não corresponde à expectativa de um ou outro e isso prejudica um pouco a vida de cada aluno na sala de aula. Sendo o ensino médio uma ponte para o ensino superior, e se a gente não constrói bem essa ponte, você pode passar por ela, mas vai ser bem complicado. É uma base para você. (Aluno 9).

“De certo modo não, eu quando tava na 8ª série pensava que seria uma dificuldade maior; no 1º ano foi, mas quando eu entendi mesmo, eu acho que caiu um pouco do que eu esperava.” (Aluno 3).

“Não, porque como eu quero fazer uma faculdade, medicina, então tenho que procurar outro caminho para mim conseguir passar, pois como aqui é uma escola estadual o ensino não é tão bom, então tenho que procurar outros meios.” (Aluno 5).

“Não exatamente, esperava mais, eu esperava ter mais conhecimentos no ensino médio e ter mais matérias em algumas disciplinas, alguns conteúdos deveriam ser mais reforçados.” (Aluno 6).

“Então, ele é assim: as matérias são muito boas, mas não é realmente aquilo que a gente precisa para o trabalho. Eu acho que o conteúdo é forte, prepara a gente para o vestibular, para o mercado de trabalho não. Para trabalhar, deveríamos ter um curso realmente técnico.” (Aluno 8).

Pelas respostas demonstradas, observa-se que a expectativa do aluno em relação ao ensino médio é correspondida de forma diferente. Para alguns, significa a entrada para a graduação; para outros, o material utilizado deixou a desejar;

outro aluno já afirma que há falha na formação dos professores; também foi salientado que a qualidade não é das melhores; outro diz que é preciso buscar em locais diferentes (cursinho) uma preparação melhor; outro é observador quando diz que o curso não prepara para o mercado de trabalho.

A resposta dada pelo Aluno 7 é bem pertinente, pois defende que o material utilizado poderia ter sido melhor e admite que se fizer um vestibular em instituição pública poderá não ser aprovado em razão da concorrência e, também, da melhor preparação dos demais.

O depoimento do Aluno 9 aponta para o modo como certos professores ministram suas aulas, o que nos leva a entender que há uma deficiência pedagógica e que esta ocasiona uma ausência de conteúdos. Como diz o aluno, “[...] sendo o ensino médio uma ponte para o ensino superior, e se a gente não constrói bem essa ponte, você pode passar por ela, mas vai ser bem complicado.” Esse depoimento demonstra que a maturidade e a preocupação em se preparar bem estão na conscientização desse jovem. Nos depoimentos 3 e 6, a qualidade do curso é posta em xeque, uma vez que os alunos esperavam mais, achavam que ao concluir a 8ª série, sentiriam dificuldades em prosseguir os estudos, mas decepcionaram-se. Puderam levar tranquilamente sem grandes exigências. Um aluno afirma que o “ensino da escola pública não é tão bom”; essa constatação faz com que ele procure outros meios educacionais (subentende-se cursinho) para poder passar em um vestibular mais concorrido.

Mais uma vez a dualidade estrutural que constituiu esse nível de ensino no país defendida por Kuenzer (1997, p. 28-29) fica bastante clara, uma vez que:

A dualidade estrutural, portanto, configura-se como a grande categoria explicativa da constituição do Ensino Médio e profissional no Brasil, legitimando a existência de dois caminhos bem diferenciados a partir das funções essenciais do mundo da produção econômica: um, para os que serão preparados pela escola para exercer funções de dirigentes; outro, para os que, com poucos anos de escolaridade, serão preparados para o mundo do trabalho em cursos específicos de formação profissional, na rede pública ou privada.

Para o Aluno 8, o curso prepara para um vestibular, mas deixa a desejar para a entrada no mercado de trabalho. Se adentrarmos na essência dessa ques-

tão, veremos que hoje é muito comum inúmeros jovens portadores de diplomas de ensino médio e também superior sequer conseguirem uma colocação no mercado de trabalho.

Com a globalização da economia, o mundo do trabalho está cada vez mais complexo, exigente e competitivo. Sobre essa complexidade no mundo do trabalho hoje, Costa (2004, p. 242-243) menciona que:

As novas tecnologias (robótica, informática, telemática, engenharia genética e novos materiais) desvincularam de forma definitiva o aumento da produção de bens e serviços do aumento do emprego. Estas novas formas estão se somando às novas tecnologias para ampliar e aprofundar os requisitos de ingresso, permanência e sucesso no mundo do trabalho.

Nessa perspectiva, surge-nos uma dúvida. Com o atual ensino médio geral, oferecido na maioria das escolas secundárias brasileiras, quem se apropriará das novas tecnologias para ingressar, permanecer e ser bem sucedido no mundo do trabalho? Mais uma vez recorremos a Kuenzer (1997) quando diz que a dualidade estrutural que tem acompanhado a constituição do ensino médio no Brasil conseguiu ao longo dos anos formar dois tipos de profissionais: de um lado, pessoas para desenvolverem trabalhos braçais e para ser dirigidas; de outro, uma minoria para ser intelectual, os seres pensantes, os que comandam.

Em seu artigo 31, a LDB 9394 (1996) estabelece que haja um mínimo de 200 dias letivos de trabalho escolar e 800 horas destinadas anualmente a cada série da educação básica. Em relação a isso, perguntamos: Onde um curso com formação geral oferecido no ensino médio contemplará disciplina que venha inserir o aluno no mundo do trabalho?

Na seqüência, perguntamos “O ensino médio possibilita a entrada no mercado de trabalho?” Responderam os alunos:

“De certa forma sim, você que tem o ensino médio em certos serviços tem prioridade, agora se você quer um serviço bom, numa área excelente, que você goste, o ensino médio não vai te ajudar muito. Você tem que realmente ter um curso superior.” (Aluno 9).

“Às vezes possibilita e às vezes não. Eu fiz outro curso num outro lugar e me ajudou um pouco mais. Eu acho que ajuda cursar o ensino médio nos está-

gios, pessoas que não seja exigida qualificação profissional, trabalhando quatro horas e ganhando meio salário mínimo.” (Aluno 7).

“Não (vacilou) também depende, porque se tu tiver um parente que tem um emprego próprio, ele pode te contratar, por causa dos estudos, mas o estudo também influencia um pouco, mas ele não é tudo para a gente conseguir trabalho.” (Aluno 2).

“Possibilitar não possibilita, tem gente sem o ensino médio que já trabalha; daí eu acho que não né, mas porque quem não tem o médio trabalha?” (Aluno 3).

Não, o problema maior é eu acho que é também a menor idade, e também o ensino médio não é considerado uma qualificação, um curso profissionalizante, que as empresas estão exigindo é bastante cursos, qualificação e o ensino médio acho que não traz isso no momento e também tem bastante competitividade, tem digamos tem bastante gente à procura e poucas vagas. Muitos empresários não dão oportunidade aos jovens, pois esbarram nas leis. (Aluno 4).

“Não, porque hoje em dia todo mundo tem que ter uma qualificação profissional melhor e quando você sai daqui, você sai totalmente cru e eles querem uma coisa melhor; se não, você sempre vai ficar naquele salário, dependendo dos pais para ter um estudo melhor.” (Aluno 5).

“Eu acho isso uma questão complexa. Porque nós temos matérias básicas: álgebra, física, química, mas tudo assim é muita teoria, prática nós temos muita pouca coisa, então é complicado, ela instrui para o vestibular, mas para o mercado de trabalho não.” (Aluno 8).

Para o Aluno 9, o ensino médio possibilita a entrada ao mercado de trabalho, porém é preciso buscar mais qualificação em virtude das exigências do mercado de trabalho. Já o Aluno 7 afirma que é preciso complementar esse curso com outro curso feito em outro local. É possível trabalhar, para esse jovem, num estágio, fazendo quatro horas diárias e recebendo meio salário mínimo mensal. O Aluno 2 afirma que o ensino médio influencia, porém não é tudo. Aqui se ressalta a importância de um parente ser proprietário e poder contratá-lo. O Aluno 3 é observador quando diz que pessoas sem o ensino médio trabalham. Quem diz que sem esse curso não se pode trabalhar? Os



depoimentos 4, 5 e 8 são enfáticos quando dizem que não há uma preparação técnica.

Sobre essa questão, Frigotto (2004, p. 207) observa que:

[...] considerando que na realidade brasileira um grande contingente de jovens necessitam ingressar muito cedo no mercado de trabalho, mas sem a escolaridade de nível médio só conseguem, e nem sempre, ocupações de baixos salários, propõe-se a opção de um ensino médio integrado. Busca-se sem abrir mão de uma educação básica de nível médio de qualidade, oferecer, ao mesmo tempo, a possibilidade de formação técnico-profissional. Para isso fica a opção de aumentar a carga horária diária de aulas ou fazer o ensino médio de quatro anos.

Hoje a maioria das instituições secundárias oferece o curso de educação geral. Esta tem um caráter abrangente para, posteriormente, o aluno buscar no ensino superior uma profissionalização ou em outros meios (sistema S). Nessa ótica, é oferecida ao jovem uma educação precária para realizar trabalhos precarizados. Kuenzer ressalta que a “[...] educação geral (informação oral<sup>6</sup>) é educação do nada, pois é um conjunto de coisas a serem memorizadas para, no final de três anos, haver uma certificação.” Prossegue, ainda, dizendo que “[...] a lógica é transferir para o ensino privado a formação profissional.”

## 4 CONCLUSÃO

Em relação aos jovens, sujeitos desta pesquisa, freqüentadores da 3ª série do ensino médio do Colégio Estadual La Salle, constatamos que são, na sua maioria, do sexo feminino. Inserem-se na faixa etária de 16 a 19 anos; a idade que predomina é entre 16 e 17 anos. São jovens urbanos, na sua maioria, oriundos de famílias compostas por quatro pessoas e com nível financeiro considerado satisfatório em relação ao restante da população patobraquense. A maioria reside com sua família, e esta denota uma importância fundamental na vida dos jovens, conforme a entrevista.

A maior parte desses jovens não trabalha. Os que trabalham (cerca de 40%) realizam tarefas que podem ser entendidas como subempregos e ocupações in-

formais, com uma renda mensal muito baixa, o que se assemelha a muitos jovens do país que estão na mesma situação.

Os jovens afirmam que são leitores e freqüentam lugares diversos associados aos existentes na zona urbana. A afirmação “não ter obrigações, ter liberdade” foi considerada a mais importante para eles; todavia, a pressão para decidir sobre o futuro foi a pior questão indicada pelos participantes.

A importância da escola para eles (67,44%) é reveladora e mostra que, muitas vezes, os docentes acham que os jovens não estão interessados na escola e só a freqüentam por insistência da família ou obrigação legal. Pode até ser que o conhecimento, a leitura e a escrita não estejam entre as coisas mais importantes de se aprender na escola, mas a convivência e as diferentes relações afetivas somam 47,67%. Esse número demonstra que as múltiplas diferenças que acontecem no espaço escolar têm somado na vida dos jovens e que ajudam a entender as individualidades que se somam às juventudes que se encontram no dia-a-dia na escola.

Quanto às melhorias de ensino que podem acontecer na escola, a sugestão é que os professores sejam mais bem qualificados e possuidores de uma didática que realmente chame a atenção do aluno, não uma simples reprodução de conhecimentos e informações. Complementada a melhoria de ensino, há um pedido para que a escola funcione plenamente, e isso nos leva a entender que os governantes devem também cumprir com sua parte, oferecendo: laboratórios com equipamentos que realmente funcionem, pessoal habilitado para ajudar professores e alunos, salas de aula mais amplas e menor número de alunos por sala.

Os jovens citam que a relação de amizade existente entre professor/aluno é muito boa (33,72%). Todavia, a falta de respeito que muitos alunos têm em relação aos professores também é escancarada pelos jovens (18,60%). Esses dados revelam que não existe a intenção de esconder dados negativos dos colegas em relação aos professores.

Aqui também se faz necessário apontar que 5,81% dizem que os professores abusam da autoridade. Muitas vezes, há profissionais que não distinguem (ou não querem distinguir) autoridade de autoritarismo; essa situação leva a conflitos que, certamente seriam evitados se o professor observasse que autoridade se conquista com competência, seriedade, compromisso e que autorita-

rismo gera revolta e indisciplina. O tratamento diferente dispensado aos jovens é notado.

As entrevistas revelam que os jovens alunos são perceptíveis, críticos e formadores de opinião, pois quando se pensa que o tratamento diferenciado não é notado, ele refere-se como existente em sala de aula. Cuidar com as diversidades existentes em sala e com as múltiplas relações estabelecidas também faz com que a relação professor/aluno seja melhor.

Podemos dizer ainda que tais depoimentos podem ser entendidos como denúncia e preocupação por parte dos alunos, uma vez que suas colocações refletem um amadurecimento, muitas vezes, não-reconhecido no mundo jovem. A partir do momento que dermos maior credibilidade a essa faixa etária e soubermos entender que esse momento tão singular não acontece aleatoriamente, com certeza, as relações existentes entre o mundo adulto e, aqui, particularmente, com os docentes, será de maior entendimento e respeito.

Após a caracterização da clientela que frequenta essa modalidade de ensino, buscamos analisar qual o significado do ensino médio para os jovens pesquisados. Essa questão vai depender da ótica que cada estudante imprime sobre ele, pois, no decorrer da pesquisa, foi possível perceber que vários são os significados atribuídos pelos jovens: vêem neles uma possibilidade para ingressarem no mercado de trabalho; entrarem num curso superior, adquirirem certos conhecimentos e, principalmente, estabelecerem um relacionamento afetivo muito grande, com possibilidades de amizade que lhes represente um papel fundamental em suas vidas.

Muitos são os significados. E estes também mostram que a juventude tem características próprias de idade, sexo, família, gostos, opiniões, desejos, muitas vezes, imperceptíveis para os adultos, mas muito latentes entre eles. Querem ser respeitados, antes disso, diríamos, querem ser vistos, lembrados para opinarem, ser ouvidos, poder falar, pois afinal é muito comum dizer que eles não sabem nada, não sabem dar opiniões, são problemas.

Diante do exposto, como nós, professores, lidamos com esses jovens? Com irritação, calma, paciência, dando a vez e a voz, calando-os, oportunizando suas participações na construção democrática de uma educação melhor? Está havendo um preparo na formação continuada dos sistemas de ensino aos professores, em relação a lidar com essas diferenças da juventude contemporâ-

nea? As escolas estão tendo uma estrutura adequada para receber esses jovens? Há espaços de descontração enquanto se aprende, se ensina, ou há ainda, os mesmos espaços ociosos utilizados pela escola fundamental? Os laboratórios são bem equipados, principalmente os de informática para oportunizar a pesquisa, as descobertas?

Por que há tanta desmotivação por parte desses alunos em relação ao ensino? A contextualização e a significação são fundamentais para levar o jovem ao encontro com a aula, com o professor, com a descoberta, com a curiosidade.

Evidentemente que tudo isso não acontece repentinamente, uma vez que não podemos esquecer que há fragilidades na formação dos docentes. As próprias IES estão deixando lacunas nos seus espaços de formação. Os cursos oferecidos a distância são ligeiramente iniciados e concluídos, com anuência do MEC e, conseqüentemente, diante disso, como vamos querer que o jovem professor e até mesmo aquele mais experiente tenham inovação, sejam ousados?

A maioria dos alunos que conclui o ensino médio não ingressa no curso superior. Essa situação deve-se, principalmente, ao fato de que uma grande parcela dos concluintes do ensino médio não tem condições financeiras para pagar a graduação numa instituição privada. As poucas vagas oferecidas nas instituições públicas e o difícil ingresso nestas têm feito com que esses jovens acabem permanecendo somente com o ensino médio. Alguns, com o passar dos anos e com a exigência do mercado, buscam no Sistema S uma qualificação.

É preciso, pois, dar um novo impulso porque os jovens estão cada vez mais curiosos, questionadores, atentos e sedentos em saber novidades, criticar e ajudar a construir sua identidade num espaço que lhes é muito seu. Como diz Madeira (1998, p. 93) “[...] uma onda jovem desafia conhecimentos estabelecidos e modos de olhar para a sociedade brasileira.” Então, buscamos encontrar soluções para enfrentar esse universo jovem, pois o Brasil tem hoje um contingente juvenil grande; assim, é preciso um olhar com bastante atenção sobre eles para que saibamos entendê-los como sujeitos de seu tempo e não apenas vê-los como problemas.

O ensino médio hoje, para realmente vir a corresponder às expectativas de sua clientela, necessita de investimento financeiro. A aplicação desse investimento deveria começar pela construção de uma estrutura física que atendesse aos inte-

resses dos jovens: salas, disponibilidade de equipamentos tecnológicos, bibliotecas, ambientes para a prática de atividades esportivas, laboratórios para o desenvolvimento de pesquisas, formação continuada para os docentes, contratação de professores auxiliares, locais com as devidas condições que pudessem servir de motivação e interesse para os alunos. Isso faria com que os alunos pudessem ver na escola, além de um ambiente descontraído onde forma sólidas amizades, um local para comungar conhecimento e aprendizagem para a sua vida futura.

### ***The meaning of average education for the young pupils***

#### *Abstract*

*This study deals with the meaning that young students of the third grade of high school, a college of public Paraná attach to this level of education. Research characterized itself as a search field of exploration and literature. For collecting data were used as instruments the questionnaire and interview. Data were collected between students of the third grade of high school, a total of 86 students, the College State La Sale, Pato Branco, in August 2007 The are still the weaknesses existing in the course of the course, and that ultimately justify the lack of interest and disillusionment that many young people have in relation to the high school. It is concluded that it is urgent the need for the creation of public policies that may, in fact, fill the large gaps left over the years in high school Brazilian.*

*Keywords: High school. Youths. Students. Meaning.*

#### Notas explicativas

<sup>1</sup> De modo geral, a população brasileira sempre apresentou uma ligeira superioridade numérica de mulheres em relação aos homens. Pelo Censo de 2000, há 96,87 homens para cada 100 mulheres. A população feminina ultrapassa a masculina em mais de 2,6 milhões.

<sup>2</sup> Nos países ibero-americanos verifica-se uma grande diferença nas faixas etárias utilizadas para denominar a juventude. Por exemplo, entre 7 e 18 anos em El Salvador; entre 12 e 26 anos na Colômbia; entre 12 e 35 na Costa Rica; entre 12 e 29 anos no México; entre 14 e 30 na Argentina; entre 15 e 24 na Bolívia,

- Equador, Peru, República Dominicana; entre 15 e 25 anos na Guatemala e Portugal; entre 15 e 29 anos no Chile, Cuba, Espanha, Panamá e Paraguai; entre os 18 e 30 anos na Nicarágua; em Honduras, a população corresponde aos menores de 25 anos (CEPAL; OIJ, 2004, p. 290-291 apud ABRAMO, 2005b).
- <sup>3</sup> Ciee – Criado em 1967, o Centro de Integração Empresa – Escola do Paraná é uma instituição de direito privado, sem finalidades lucrativas, reconhecida de Utilidade Pública Federal (Portaria MJ nº. 1.521/02), Estadual (Lei nº. 6.027/69) e Municipal (Lei nº. 7.570/90), cujas ações, de caráter técnico, científico, cultural e educacional, desenvolvem-se em apoio às instituições educacionais e empresariais. O Ciee está presente em 229 unidades operacionais em 27 estados brasileiros. Já encaminhou mais de 4 milhões de estudantes às empresas. Possui cerca de 200 mil empresas conveniadas, parceria com mais de 20 mil instituições de ensino; 64% dos estagiários são efetivados pelas empresas. Disponível em: <www.cieepr.org.br>. Acesso em: 2 nov. 2007.
- <sup>4</sup> Pesquisa realizada pela Câmara Brasileira do Livro (CBL), em janeiro de 2001, aponta a baixa incidência de leitura no Brasil comparativamente aos números absolutos da população. Segundo a CBL, o brasileiro lê em média 1,7 livro ao ano. Em países da América do Norte e da Europa, esse índice é até dez vezes maior. Quando não se consideram os livros didáticos, o percentual é ainda menor, (0,66). As classes B e C concentram cerca de 70% dos leitores e, entre os brasileiros considerados alfabetizados, quase 61% não têm contato com as obras literárias. Disponível em: <www.metropolenet.com.br/edicoes/62/literatura.php>. Acesso em: 2 ago. 2004.
- <sup>5</sup> A instituição escolar, ao se expandir, surge também como um espaço de intensificação e abertura das interações com o outro e, portanto, caminho privilegiado para a ampliação da experiência de vida dos jovens que culminaria com sua inserção no mercado de trabalho (SPOSITO, 2005, p. 90).
- <sup>6</sup> Palestra de abertura na 30ª reunião da Anped, realizada no dia 8 de novembro de 2007, no GT 9 – Educação e Trabalho pela Profa. Acácia Kuenzer, para cerca de 50 pessoas, em Caxambu, MG.

## REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena. Wendel. *Condição juvenil no Brasil contemporâneo*. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. **Retratos da juventude brasileira**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2005a.

\_\_\_\_\_. **O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro**. In: FREITAS, M. V. de. *Juventude e adolescência no Brasil: referências contextuais*. São Paulo: Ação Educativa, 2005b.

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO M. *Ensino Médio: o que esperam os estudantes*. In: ESTEVES, Luiz Carlos Gil et al. **Estar no papel: Cartas dos jovens do Ensino Médio**. Brasília, DF: Unesco, Inep/MEC, 2005.

ARROYO, Miguel G. **Imagens quebradas**: trajetórias e tempos de alunos e mestres. Petrópolis: Vozes, 2004.

BRASIL. **As novas Diretrizes Curriculares que mudam o Ensino Médio brasileiro**. Brasília, DF: MEC, 1999.

BRENNER, Ana. Karina; DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo. Culturas do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. **Retratos da juventude brasileira**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2005.

CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO. **CBL**. 2001. Disponível em: <<http://www.metropolenet.com.br/edicoes/62literatura.php>>. Acesso em: 14 ago. 2004.

CENSO Demográfico 2000. **Sinopse estatística da Educação Básica**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 5 mar. 2007.

CENTRO DE INTEGRAÇÃO EMPRESA. **Escola do Paraná**. Disponível em: <<http://www.cieepr.org.br>>. Acesso em: 2 nov. 2007.

CHARLOT. Bernard. **Da relação com o saber**: Elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

COSTA, Antonio Carlos Gomes da. Educação para o empreendedorismo: uma visão brasileira. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (Org.). **Juventude e sociedade**: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004.

ESTEVEES, Luis Carlos Gil. **Estar no papel**: cartas dos jovens do ensino médio. Brasília, DF: Unesco, Inep/MEC, 2005.

FREITAS, Helena Costa Lopes de. Formação de professores no Brasil: 10 anos de embate entre projetos de formação. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 80, p. 137-168, set. 2002.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Juventude, trabalho e educação no Brasil: perplexidades, desafios e perspectivas. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (Org.). **Juventude e sociedade**: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004.

IBGE. **Anuário Estatístico**. 1996.

\_\_\_\_\_. **Anuário Estatístico**. 2001.

\_\_\_\_\_. **Censo Demográfico**. 2000.

IMPrensa, notícias, censo. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br>>. Acesso em: 21 jul. 2007.

INEP. **Anuário Estatístico Educacional**. 2007.

KALOUSTIAN, Silvio M. **Família brasileira**: a base de tudo. São Paulo: Cortez, 1994.

KRAWCZYK, Nora. **A Escola média**: um espaço sem consenso. São Paulo: nov. 2003. (Cadernos de Pesquisa, n. 120).



KUENZER, Acácia. **Ensino Médio**: construindo uma proposta para os que vivem do trabalho. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. **O Trabalho como princípio educativo**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

LEI DE DIRETRIZES E BASES. **Lei n. 9394/96**. Brasília, DF, 1996.

MADEIRA, Felícia Reicher. **Recado dos jovens**: mais qualificação. Jovens acontecendo nas trilhas das políticas públicas. Brasília, DF: Comissão Nacional de População e Desenvolvimento, 1998. p. 427-496. v. 2.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de. **Juventude, professores e escola**: possibilidades de encontro. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.

MEC. **Banco de dados**. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br/acs/asp/noticias>>. Acesso em: 19 fev. 2007.

POCHMANN, Marcio. Juventude em busca de novos caminhos no Brasil. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (Org.). **Juventude e sociedade**: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004.

SECRETARIA NACIONAL DA JUVENTUDE. Brasília, DF. Disponível em: <<http://www.juventude.gov.br/programas>>. Acesso em: 12 nov. 2007.

SPÓSITO, Marília Pontes. Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. **Educação e Pesquisa**, São Paulo: Feusp, v. 27, n. 1, jan./jun. 2001.

\_\_\_\_\_. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. **Retratos da Juventude Brasileira**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2005.

ZIBAS, Dagmar M. L. **A reforma do ensino médio nos anos 1990**: o parto da montanha e as novas perspectivas. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, v. 28, jan./abr. 2005.

Recebido em 9 de abril de 2008

Aceito em 17 de julho de 2008